

Cidade região, novas regiões metropolitanas, mega região e escala. Desafios da produção urbana contemporânea no Estado de São Paulo



Mara Lucia Sobral Santos

Moradora de São Paulo. Catadora de material reciclável. Faz parte do coletivo Granja Julieta e da SEMU, Secretaria de Mulheres do Movimento Nacional dos Catadores. Atualmente atua em Santa Bárbara, na estruturação do coletivo Reciclo Plástico.



Jutta Gutberlet

Jutta Gutberlet é PhD em Geografia pela Universidade de Tübingen, na Alemanha. Atualmente é professora titular do Departamento de Geografia da Universidade de Victoria, no Canadá. Ela criou o Laboratório de Pesquisa Comunitária na UVic. Sua pesquisa e ensino enfocam a sustentabilidade, a governança e a pesquisa de ação participativa com envolvimento comunitário, abordando a interseção de questões sociais, ambientais, econômicas e políticas relacionadas a resíduos sólidos e catadores, em um contexto internacional. Ultimamente, ela está interessada em inovações sociais e questões de economia solidaria, economia ecológica e epistemologias de resíduos sólidos e do desperdício. Essas atividades envolvem uma ampla pesquisa colaborativa com várias instituições locais e internacionais. Em 2018, ela recebeu o prêmio Acadêmico do Diretor da UVIC para suas pesquisas comunitárias (veja: www.JuttaGutberlet.com e www.cbri.uvic.ca)

O que é o lixo?

MARA

Eu particularmente não acredito que exista lixo, eu acredito que exista matéria-prima. Porque tudo que é criado, vem dos nossos recursos naturais. Então, hoje, mundialmente falando, não existe lixo no planeta, as pessoas é que não dão valor devido àquilo que eles chamam de lixo. Para nós, catadores, aquilo que as pessoas chamam de lixo a gente chama de vida, de alimentação, de moradia, de cidadania. Os materiais que muitos tratam como lixo nós chamamos de natureza, de meio ambiente, de sobrevivência de uma raça. O que a gente precisa fazer hoje é ter um outro olhar. Ver a outra face daquilo que as pessoas chamam de lixo.

"Na verdade, não existe o lixo, pois o que é considerado resíduo é também um recurso. Tudo que descartamos provem de alguma matéria prima que foi extraído da natureza e transformado em produto"

JUTTA

Lixo pode ter diversos significados dependendo dos atores sociais. Para o cidadão comum o lixo é algo do qual as pessoas querem se distanciar, algo que não tem mais valor e que não presta mais e, portanto, é descartado. Na verdade, não existe o lixo, pois o que é considerado resíduo é também um recurso. Tudo que descartamos provem de alguma matéria prima que foi extraído da natureza e transformado em produto; como por exemplo o petróleo, matéria prima para os plásticos; a bauxita, matéria prima para o alumínio; ou a celulose das arvores como matéria prima para papel e cartolinas. Após o consumo, no entanto, as embalagens e o produto que não tem mais valor para o usuário (porque não funciona mais, está fora da moda ou porque existe um novo produto mais atraente no mercado) é descartado como 'lixo' pela sociedade.

Para o poder publico o lixo principalmente significa um problema sanitário e de saúde publica, portanto, a gestão publica aspira coletar ao máximo o lixo produzido na cidade, principalmente na cidade formal.

Para os catadores, o 'ferro velho', e empresas de reciclagem, os materiais recicláveis no lixo são considerados recursos com valor econômico. Da mesma forma se aproveitam de forma econômica todos os que estão envolvidos na coleta e na destinação final dos residuos sólidos; significando quanto maior o volume coletado e depositado no aterro, maior o lucro para o empreendimento envolvido na gestão de residuos sólidos.

Qual o papel da reciclagem na gestão de resíduos? Como as cooperativas de reciclagem se inserem nesse processo?

MARA

O papel das cooperativas na gestão dos resíduos é fundamental. Porque através dos catadores nós economizamos milhões de recursos, economizamos muitas árvores, muita areia, muita coisa. É fundamental para que o planeta sobreviva e consiga suportar esse consumo desenfreado que existe nacionalmente, mundialmente. Então a inserção dos catadores dentro da política de resíduos é fundamental e indispensável, para todo o planeta.

JUTTA

A coleta seletiva e a separação dos resíduos sólidos em diferentes materiais de origem são necessárias para propiciar a reciclagem de qualidade, ou seja, o reaproveitamento desses materiais para a produção de novas matérias primas e novos produtos. A reciclagem faz parte da economia circular, onde não se desperdiça materiais, ao contrário do que acontece queimando ou aterrando os resíduos, forma com a qual se perde os materiais e matérias primas. A reciclagem ajuda a minimizar a extração de matérias primas virgens, o que significa reduzir impactos ambientais que provem da extração mineral e biológica.

Reciclagem também pode gerar impactos ambientais, por exemplo, através do transporte ou dos processos industriais de reaproveitamento desses materiais. Portanto, a reciclagem ainda carece um aperfeiçoamento em termos de design dos produtos (facilitando o reaproveitamento ou a biodegradação) e dos processos de reciclagem.

Os catadores são recuperadores de recursos, pois coletam e separam diversos materiais e revendem para intermediários ou diretamente à indústria da reciclagem. Hoje são os maiores protagonistas na reciclagem, no Brasil. Uma parte dos catadores está organizada em cooperativas e associações e trabalha na coleta seletiva e separação dos materiais em diversas cidades. As vezes eles recebem apoio do governo local, de parceiros do setor privado ou do terceiro setor, na forma de infraestrutura ou capacitação. No entanto, na maioria dos casos sobrevivem apenas da venda dos materiais e não recebem remuneração pelos diversos serviços que já prestam à sociedade.

A política nacional dos resíduos sólidos, reserva um papel significativo e prioritário na coleta seletiva aos catadores, obrigando os municípios a contratarem as cooperativas de catadores de materiais recicláveis na coleta seletiva. Infelizmente são poucos os municípios que seguem essa lei e que tem estabelecido contratos com as cooperativas de catadores.

Qual tem sido a perspectiva da gestão pública (na região da Macrometrópole Paulista) sobre a questão dos resíduos?

MARA

A relação com o poder público é muito difícil. Porque não existe um trabalho sério sendo feito pelo governo municipal, as prefeituras, em capacitar essas cooperativas para poder receber os resíduos. Existe um descaso político muito grande no nosso país em relação aos resíduos e isso dificulta o trabalho dos catadores. Então, a atual conjuntura das cooperativas, falando nacionalmente, é a pior que pode ter. Falta recurso, falta equipamento e falta também a valorização da mão de obra. Falta também os catadores serem remunerados por esse serviço feito. A renda dos catadores vem apenas através da venda do material reciclável porque até hoje nós temos uma grande luta com os municípios para pagar os catadores pelo serviço prestado pelo meio ambiente. Dentro de São Paulo, na antiga gestão do prefeito Dória todos os caminhões de todas as cooperativas foram suspensos e atualmente nenhuma cooperativa tem caminhão cedido pela prefeitura e nem é remunerada pelo serviço prestado. É uma gestão muito difícil porque as pessoas realmente veem os resíduos como lixo, e não como matéria-prima. E os nossos municípios tem aterrado milhões e milhões de resíduo sólidos

JUTTA

No Brasil, assim como em grande parte do mundo, predomina ainda a perspectiva de aterrar os resíduos urbanos coletados de forma indiferenciada, ou seja, são relativamente poucos os municípios que tem um programa de coleta seletiva oficial. De forma geral, a maior parte do que é reciclado provem da coleta diferenciada dos catadores (independentes e organizados).

A prioridade máxima na hierarquia da gestão de resíduos sólidos deveria ser a não-geração e a minimização da produção de resíduos, seguidos pela reciclagem e compostagem. Isto significa para o município, de investir pesado em informação, conscientização e educação ambiental, mudando a cultura do desperdício para uma nova cultura de "resíduo zero", ou seja, de aproximar nossas formas de viver aos ciclos da natureza: de maneira eficiente, suficiente e sustentáveis. Porém, muito pouco esta sendo feito para educar a população para obedecer e contribuir à hierarquia da gestão de resíduos sólidos.

O consorcio intermunicipal Grande ABC constituído como uma associação civil de direito privado em 1990 para atuar como órgão articulador de políticas públicas setoriais é uma das poucas experiências que trata a gestão dos resíduos sólidos desde uma perspectiva regional e integrada na região da Macrometrópole Paulista. Criado para efetuar ações consorciadas relacionadas à destinação dos resíduos sólidos na região, essa instancia tem promovido o dialogo entre os municípios sobre estratégias de gestão dos resíduos sólidos. Atualmente, essa proposta regional tem enfraquecido e alguns municípios tem procurado solução isolada para os seus resíduos. No entanto, o dialogo a nível da Macrometrópole

JUTTA

Paulista é essencial para tratar os problemas logísticos, financeiros, técnicos, ambientais e legislativos envolvidos nessa questão. Hoje prevalece ainda entre os governos locais a visão de coletar os resíduos e aterrara-los ou possivelmente incinerar-los. Não se coloca como prioridade a educação e a coleta seletiva com reciclagem, principalmente em parceria com catadores. A separação de qualidade dos materiais recicláveis em nível domiciliar, exige contínuo envolvimento com educação ambiental. Não adianta muito panfletar um bairro uma única vez e não comunicar de forma contínua com os residentes.

Infelizmente vemos poucos governos locais engajarem com o trabalho dos catadores organizados, como previsto na política nacional. A cidade de São Paulo, por exemplo, até recentemente fechou cooperativas, que já estavam funcionando por mais de 10 anos. Naqueles bairros onde é feita a coleta seletiva, utilizam caminhão compactador, para aumentar o volume de resíduos coletados. Em consequência os vidros entre os resíduos quebram, causando riscos de acidentes para os catadores, desperdiçando material, além de dificultar a separação com qualidade. Outros municípios como SBC ou Barueri estão propondo a incineração dos resíduos como solução definitiva, ignorando o impacto social e ambiental dessa tecnologia, além de destruir matéria prima que pode ser reaproveitados e reinserido na cadeia de produção.

As administrações públicas ainda dão pouca atenção aos efeitos negativos de resíduos não coletados na cidade. Estes resíduos podem causar enormes problemas ambientais com consequências serias para a saúde pública e ambiental, aumentando o efeito das enchentes e de deslizamentos, contaminando reservatórios de água potável, facilitando a propagação de doenças, afetando também os animais, além de também gerar um impacto visual, afetando a qualidade de vida nas comunidades.



Você não trabalha apenas como catadora, mas ajuda a criar ou fortalecer outras cooperativas?

MARA

Esse trabalho que eu faço é um trabalho que vem de catador para catador. Porque ninguém melhor para fazer a gestão dos resíduos do que o próprio catador. Foi ele que iniciou todo esse processo. O garrafeiro, o antigo homem do saco nada mais era do que nós mesmos. Então hoje eu passo por cooperativas do Brasil inteiro que tem dificuldade de auto gestão, que não entendem o seu processo na questão dos resíduos, eu passo capacitando e ensinando a importância dessas cooperativa e de cada pessoa que está lá dentro.

Como a participação popular se enquadra na Política Pública de gestão de resíduos? Há espaço? Qual a importância de se organizar (em coletivos ou movimentos)?

MARA

Eu faço parte do Movimento Nacional dos Catadores, mais especificamente de uma braço desse movimento. O movimento se organiza para fortalecer os catadores, para discutir política pública com o governo federal, estadual e municipal. O movimento é importante na questão da capacitação política dentro das prefeituras. Eu faço parte da secretaria de mulheres, que se chama SEMU e engloba todas as mulheres. Conforme foi mudando o padrão de família, papai, mamãe e filinho as mulheres começaram, como em todas as outras áreas, no transporte, na marinha, em tudo as mulheres começaram a se destacar. E dentro das cooperativas de reciclagem, nós somos 99,9% de mulheres. A SEMU capacita, ensina, e ajuda a quebrar todo tipo de preconceito, tanto na questão da luta feminista, na violência contra a mulher, como é uma mulher no dia a dia frente a sua carroça. Então é muito importante tanto o movimento nacional quanto a SEMU, que tem mudado a história de milhares de mulheres nesse país.

JUTTA

Desde muitos anos os catadores já têm se organizado e hoje existem cooperativas e associações de catadores de materiais recicláveis na maioria dos municípios no Brasil. Essa categoria também tem se organizado em um movimento social, o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) que tem influenciado desde o começo a política de resíduos sólidos no Brasil; trazendo para a discussão importantes conhecimentos do cotidiano e das experiências técnicas e de gestão, acumuladas durante décadas pelo trabalho dos catadores e das catadoras. Os últimos governos têm criado alguma abertura para processos mais coletivos de gestão de resíduos sólidos, apoiando os catadores organizados através de linhas de financiamento para infraestrutura e melhorias técnicas assim como em formação e educação dos catadores, contribuindo para o aperfeiçoamento, principalmente das lideranças dos catadores.

O terceiro setor e a participação pública exercem um papel importante na proposta da gestão participativa de resíduos sólidos com a inclusão dos catadores. Existem múltiplos parceiros, entre estes a instituição formal e não governamental para a economia solidaria, a defensoria pública e diversas ONGs que tem se comprometido em trabalhar com os catadores na gestão de resíduos sólidos e que tem contribuído no avanço da proposta. Ainda, de forma geral, em alguns municípios onde os catadores têm estabelecido um contato com os moradores, através da coleta porta a porta, esse serviço é valorizado pela população e conseqüentemente há uma alta qualidade na separação dos materiais contribuindo para o serviço dos catadores.

Quais as particularidades que você tem observando no Brasil? Quais as principais semelhanças e diferenças que seriam importantes de se apontar em relação a outros países que desenvolveu pesquisa?

JUTTA

A exploração, a estigmatização e a exclusão social das pessoas que recuperam materiais recicláveis é visível em muitos países, tanto no Sul Global como nos países do Norte Global. Porém, são poucos os países onde os catadores têm chegado a um nível de organização coletiva que tem influenciado políticas públicas de gestão de resíduos. Como exemplos, além do Brasil conhecemos semelhante organização em Argentina e Colômbia na América Latina. No Brasil, desde o começo dos anos 2000, algumas políticas públicas, principalmente da esfera federal, tem o propósito de incentivar e apoiar a organização dos catadores em cooperativas e associações. Em 2002, a Portaria do Ministério do Trabalho 397/2002, estabelece a nova classificação trabalhista brasileira, incluindo a profissão de catadores. Em 2003, um decreto Presidencial cria o Comitê Interministerial para a Inclusão Social de Catadores. E finalmente, a nova lei federal dos resíduos sólidos em 2010, cria normas e critérios para os municípios elaborarem Planos Integrados de Gerenciamento de Resíduos, com participação e controle social. Esta legislação promove a inclusão de associações e cooperativas de catadores nesses Planos, e também cria acordos setoriais para estimular a reciclagem em setores específicos, tornando as indústrias responsáveis como geradores de resíduos. Neste mesmo ano também foi criado o Programa Pró-catador, com cunho de financiar projetos para os catadores. Essa estrutura legal e institucional facilitou alguns avanços em termos de formação e infraestrutura para os catadores, tornando-os mais visíveis. De forma geral, no entanto, os catadores não puderam ter a devida participação em todas essas instâncias que deveriam representá-los e focalizar na gestão de resíduos sólidos com inclusão social. Parece uma constante luta política para expandir o espaço e a participação dos catadores, com muito poder econômico e político na oposição dessa proposta.

O que ainda diferencia a situação do Brasil de alguns outros países são o número grande de catadores envolvidos nesta atividade, a porcentagem desses que estão organizados, a predominância de mulheres envolvidos nas cooperativas de reciclagem e a organização do movimento dos catadores em nível nacional.

Desde as drásticas mudanças políticas em 2015, observamos uma situação muito preocupante de desmantelamento das organizações e das conquistas dos catadores; além de uma nova competição de empresas ambientais criadas para o propósito de trabalhar com coleta seletiva urbana (principalmente de grandes geradores, como empresas e condomínios), concorrendo com o espaço que os catadores já tiveram no trabalho com resíduos sólidos.

Como a população em geral pode participar e ajudar na gestão de resíduos de suas cidades?

MARA

É bem complicada essa questão da organização dos municípes, da população. Não existe uma campanha, não existe uma conscientização desde a escola, nos lares - nem pela prefeitura, nem pela mídia em geral. A mídia ensina que devemos consumir, consumir, mas ninguém ensina como destinar os resíduos consumidos, o que sobrou daquilo que você consumiu. Então a participação da população é importantíssima, fundamental pra mudança do nosso planeta. E existe muita dificuldade, porque não há investimento público, a mídia também não faz o seu papel como deveria fazer. Enquanto isso os catadores vão divulgando, falando do seu trabalho, da importância que é separar o seu resíduo, mas é uma coisa que está nascendo ainda, é uma coisa muito nova para o povo do Brasil.

"A mídia ensina que devemos consumir, consumir, mas ninguém ensina como destinar os resíduos consumidos, o que sobrou daquilo que você consumiu."

JUTTA

A população em geral pode participar ativamente no dialogo sobre gestão de resíduos sólidos e exigir uma governança participativa, que prioriza a não geração de resíduos sólidos na sua cidade. O cidadão deve principalmente exigir a produção de um Plano de Resíduos Sólidos para a sua cidade e participar na confecção, exercendo o controle social que a lei lhe garante.

Os cidadãos podem mobilizar a defensoria pública, participar em audiências públicas, contactar os vereadores locais, envolver-se com instancias democráticas, como o CONDEMA, Comitê de Bacia Hidrográfica, Forum de Gestão Ambiental, entre outros para exigir uma gestão de resíduos sólidos participativo e sustentável.

Podemos participar em programas de coleta seletiva já existentes, separando os materiais de forma adequada. Se ainda não existir um programa de coleta seletiva no seu bairro, deve exigir do seu governo local a implantação da coleta seletiva operada por catadores.

Para melhorar a qualidade da reciclagem e minimizar o desperdício de materiais podemos informar-nos sobre quais os materiais que são coletados e quais não são recicláveis. Por exemplo, procurar uma cooperativa de catadores mais próxima da sua casa e engajar em um dialogo com os catadores que talvez possa resultar em alguma parceria na coleta do seu material reciclável.

Há ainda outras maneiras pelas quais cada um pode se responsabilizar pelos resíduos que gera. O mais importante é o consumo responsável, levando em conta a geração de resíduos sólidos na sua compra e, portanto, comprar produtos que são de origem local, reciclável e com poucas embalagens.